



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS  
Curso de Bacharelado em Direito / Relações Internacionais

**MARIANA DE FRANÇA SERRANO**

**A ASCENSÃO DO VEGANISMO E O FUTURO DA ALIMENTAÇÃO MUNDIAL**

**BRASÍLIA-DF**  
**2022**

**MARIANA DE FRANÇA SERRANO**

**A ASCENSÃO DO VEGANISMO E O FUTURO DA ALIMENTAÇÃO MUNDIAL**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Orientador: Professor Claudio Tadeu Cardoso Fernandes

**BRASÍLIA-DF**  
**2022**

**MARIANA DE FRANÇA SERRANO**

**A ASCENSÃO DO VEGANISMO E O FUTURO DA ALIMENTAÇÃO MUNDIAL**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Professor Claudio Tadeu Cardoso Fernandes

**BRASÍLIA, 07 DE NOVEMBRO DE 2022**

**BANCA AVALIADORA**

---

**Professor(a) Orientador(a)**

---

**Professor(a) Avaliador(a)**

**Título do artigo:** A Ascensão do Veganismo e o Futuro da Alimentação Mundial

**Autor:** Mariana de França Serrano

**Resumo:** O artigo discute como, ao longo das últimas décadas, se deu o exponencial crescimento do veganismo na sociedade, tanto em número de adeptos ao estilo de vida, quanto em relação à sua influência e as recentes mudanças provocadas no âmbito mercadológico, bem como a questão dos impactos globais gerados pelos atuais moldes de produção em grande escala de produtos da indústria agropecuária e de origem animal, e como, possivelmente, poderá acontecer uma mudança no aspecto de desenvolvimento sustentável nos meios de produção e consumo da sociedade no futuro.

**Palavras-chave:** Veganismo; Alimentação Mundial; Desenvolvimento Sustentável

**Abstract:** The article discusses the exponential growth of veganism in society over the past few decades, both in terms of the number of adherents to the lifestyle and its influence, and the recent changes brought about in the market, as well as the issue of global impacts generated by the current large-scale production of animal products, and how, possibly, a change in the aspect of sustainable development can happen in the means of production and consumption of society in the future.

**Key words:** Veganism; World Food; Sustainable Development

## SUMÁRIO

<b>1. VEGANISMO E A INDÚSTRIA DE PRODUTOS DERIVADOS DE ANIMAIS</b> .....	6
1.1. A indústria de produtos derivados de animais .....	7
1.2. Consequências da indústria de produtos de origem animal para o meio ambiente .....	11
1.3. Consequências da indústria de produtos de origem animal para os seres humanos .....	12
<b>2. A EXPANSÃO DO VEGANISMO</b> .....	15
2.1. O surgimento do veganismo .....	15
2.2. A expansão do veganismo em nível mundial .....	16
2.3. A expansão do veganismo no Brasil .....	17
<b>3. VEGANISMO E SUSTENTABILIDADE</b> .....	18
<b>4. REFERÊNCIAS</b> .....	24

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca evidenciar as consequências nocivas que a produção em larga escala de alimentos e produtos derivados de origem animal geram para o meio ambiente e como o consumo desses produtos afeta os seres humanos. Discute-se sobre o futuro dessa indústria e modo de produção, tendo em vista que cada vez mais pessoas aderem ao movimento vegano, contribuindo assim para a sua expansão, tanto em adeptos, quanto no crescimento do mercado de produtos veganos e naturais.

Com o planeta em colapso e um grande risco de piora do cenário, as pessoas estão cada vez mais alarmadas com a catástrofe climática e vêm procurando meios de reduzir os danos causados ao meio ambiente e boicotar, ou simplesmente não contribuir, com a indústria que mais causa consequências negativas ao planeta Terra, a indústria de produtos de origem animal. Para tal, é desenvolvida a possibilidade de, em que medida, o futuro da alimentação mundial poderá ser socioambientalmente mais sustentável, diante da expansão do veganismo e das consequências negativas trazidas ao meio ambiente e à saúde dos consumidores de produtos advindos da indústria animal.

O primeiro capítulo contextualiza, a partir de uma abordagem histórica, a respeito da indústria de produtos derivados de animais, e as consequências que gera para o meio ambiente e para a saúde dos seres humanos. Em seguida é desenvolvido como se deu a expansão do veganismo no mundo, em especial no Brasil, e sua representação como movimento auxiliador de medidas de proteção ambiental no cenário internacional. Análises que culminam, em última abordagem, para a contextualização sobre o alcance da sustentabilidade, compreendendo o veganismo como uma das formas para a concretização de um cenário menos devastador e mais propenso a receber implementações de políticas de defesa e preservação do meio ambiente.

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e quantitativa, com a finalidade de permear e detalhar, a partir de um estudo bibliográfico de tipo exploratório, a discussão e análise acerca da expansão dos movimentos vegano e ambientalista na sociedade e os motivos para tal expansão, referente aos hábitos de consumo de produtos de origem animal e à exploração feroz que a indústria de produtos derivados de animais faz ao Planeta Terra e seus recursos naturais.

## 1. VEGANISMO E A INDÚSTRIA DE PRODUTOS DERIVADOS DE ANIMAIS

O veganismo é uma filosofia e um modo de vida que busca excluir, na medida do possível e praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra os animais para alimentação, roupas ou qualquer outro propósito, e, por extensão, promove o desenvolvimento e uso de alternativas sem animais para o benefício dos animais, humanos e do meio ambiente. Denota a prática de dispensar todos os produtos derivados total ou parcialmente de animais. Evitam-se todos os alimentos de origem animal, como carne (incluindo peixes, crustáceos e insetos), laticínios, ovos e mel, bem como evitando materiais derivados de animais, produtos testados em animais e lugares que usam animais para entretenimento. Os veganos evitam explorar animais para qualquer propósito, sendo a compaixão a principal razão pela qual muitos escolhem um estilo de vida vegano (The Vegan Society, 2021).

A produção de animais para o arado na agricultura, transporte e para o consumo está associada à história humana, desde os grupos nômades, passando pelo estabelecimento das civilizações, até os dias atuais. No entanto, a partir da revolução industrial, a utilização de animais na produção de artigos alimentares em grande escala ganhou novos contornos e usos ampliados para além das necessidades nutricionais e de artigos para vestimentas, tratando-se de atender ao capitalismo em diversos segmentos. Nos movimentos que ocorreram no final do século XVII, já se observava opiniões defendendo a ideia de que o abate de animais brutalizava o caráter humano de modo a torná-lo cruel ao causar sofrimentos para criaturas inocentes, passando pela fundação da Sociedade Vegana em 1944, até a crescente do movimento pela libertação animal na década de 1970 (MAGALHÃES, M.; OLIVEIRA, J., 2019).

Em razão de todos os recursos do meio ambiente que são mobilizados para a produção industrial, a sociedade, os cientistas, as entidades de organizações não governamentais e outros setores sociais, vêm alertando para a insustentabilidade do modo de produção e de consumo para as próximas décadas e gerações, apontando para um colapso na manutenção da vida e do planeta. Especialistas defendem que o consumo de animais na escala de produção atual é desastroso para o meio ambiente e que o amplo uso de animais na produção traz consequências negativas para os seres humanos e para o meio ambiente, seja pelo espaço utilizado e os meios usados para conseguir essas áreas, seja pela quantidade de água e grãos destinados à alimentação e criação de animais, dentre diversos outros exemplos (MAGALHÃES, M.; OLIVEIRA, J., 2019).

Estima-se que são mobilizados atualmente cerca de 70 bilhões de animais por ano para atender as demandas de mercado de alimentos (ONU, 2019). O impacto ambiental para a

manutenção destes animais se dá pelo elevado consumo de água, do espaço e de alimentos, em especial da soja. Entre os impactos apontados por efeitos no meio ambiente, é possível destacar a queima de áreas para cultivo de grãos e para pastos, a elevada produção de metano pelo gado, que tem efeito na produção de gases do efeito estufa, principal responsável pelo aumento da temperatura do planeta (MAGALHÃES, M. P.; OLIVEIRA, J. C., 2019). É devido ao fato do crescimento das pautas de mobilização pelo meio ambiente, e por conta das mudanças climáticas e desastres naturais cada vez mais frequentes que a sociedade vem questionando seus hábitos de consumo e produção em cadeia, apontados como as principais causas dessas catástrofes.

Para o agravamento da mudança do clima e dos desastres ambientais, contribuem fatores como o crescimento populacional, mudanças no consumo alimentar per capita e a extração de madeira e de recursos energéticos não-renováveis, que causaram taxas sem precedentes de uso de terra e água doce. Atualmente, apenas a agricultura consome cerca de 70% da água doce do mundo. Os aumentos globais na concentração de dióxido de carbono são principalmente atribuídos ao uso de combustíveis fósseis e à mudança no uso da terra, enquanto os de metano e óxido nitroso são principalmente causados pela agricultura (ONU, 2019).

No Brasil, a difusão do vegetarianismo e do veganismo ocorreu, e ainda ocorre, por meio do processo de transnacionalização, marcado por influências culturais, religiosas, sociais e mercadológicas, impulsionadas, mais recentemente, pelos avanços das tecnologias de informação e comunicação, como a internet. Essa transnacionalização é compreendida como um intercâmbio de filosofias, práticas e culturas, além de um processo que envolve a transferência e a troca de recursos produzidos e compartilhados, refletindo na economia dos países e nos negócios que exploram a indústria animal (ALVES, C., CORTEZ, F., MARANGONI, J., 2018).

O veganismo é um poderoso vetor de mudança rumo a uma ética ecocêntrica, e a dieta vegana promoveria em escala planetária o resgate e a manutenção das diversidades gen(éticas) de uma forma muito mais eficiente do que quaisquer atividades e projetos que hoje visem essa finalidade, além de contemplar outras dimensões imprescindíveis para se alcançar a sustentabilidade (BURGGER, 2009).

### 1.1. A indústria de produtos derivados de animais

O hábito de ingerir carne animal é ancestral. Durante o período neolítico, quando as principais fontes para obter energia dependiam da prática da caça, da pesca e da coleta, que



resultava numa dieta rica em proteínas, houve um desenvolvimento cerebral e cognitivo significativos para a evolução humana. Essas atividades contribuíram para além da alimentação, como também para a proteção e vestuário dos indivíduos. O advento da agricultura e da domesticação de animais transformou a maneira como as sociedades se organizavam, levando o ser humano a se fixar em determinadas regiões, mais favoráveis à manutenção de uma melhor qualidade de vida que fosse equivalente à realidade primitiva da época. Mais tarde, a descoberta do fogo trouxe consigo a possibilidade de cozinhar os alimentos e, além de proporcionar maior qualidade ao que fosse ser consumido, fomentou a integração da figura da mulher no contexto da época por meio do preparo das refeições, que não dependia da força física do homem, mas sim de métodos e processos a serem seguidos.

A indústria alimentícia tem um papel crucial no fornecimento de saúde pública, segurança alimentar, desenvolvimento social e nutricional. As áreas mais lucrativas dessa indústria são carne, alimentos processados e vegetais, e são dominadas por corporações multinacionais, como Nestlé, Pepsico, Unilever, Danone, Mondelez, Coca-Cola, dentre outras que, em número reduzido, controlam o mercado mundial de alimentos, concentrando uma enorme influência na determinação do tipo e da quantidade da comida repartida para cada região do globo. Possuem o poder e a capacidade de determinar ações que poderiam melhorar os índices de fome no mundo, mas que, por serem grandes corporações capitalistas, cujo principal foco é o lucro, nem sempre a cooperação para a resolução de problemas graves como esse é sequer cogitada, mostrando o caráter destrutivo da influência e do poder que essas grandes empresas possuem, e que, muitas vezes contribuem, inclusive, para uma piora do cenário.

A indústria de alimentos torna-se assim onipresente no cenário internacional, pois a posição de relevantes e essenciais *players* internacionais que essas empresas multinacionais passaram a ter, no que tange, não só o setor de alimentos, mas também a influência direta ou indireta de suas ações e decisões nos demais setores da indústria e no mundo como um todo, mostra que isso já vem causando um impacto negativo e alarmante, podendo ser observado com as mudanças climáticas, a poluição, os danos no solo e na água, o desflorestamento, e a tensão sobre a exploração e escassez dos recursos naturais, que impactam diretamente a vida dos seres humanos na Terra.

A partir disso, é importante ressaltar que as discussões sobre uma maior regulamentação das questões ambientais passaram a ter mais relevância no âmbito internacional, à medida, também, em que o público consumidor se modificou e continua se modificando, preocupando-se mais com sua saúde e com as consequências negativas que seu consumo pode causar, deslocando-se em direção a um planeta mais verde. Considerando esses fatores, é possível

afirmar que é através da busca por lucro e por um volume de produção cada vez maior, que a indústria ultrapassa limites e já se mostra insustentável.

Pode-se definir a pecuária como sendo um sistema de produção que lida com a criação e o abate de animais para fins econômicos, no qual milhões de animais são mantidos como estoques vivos. Essa criação de animais que visa o lucro e o abastecimento do mercado vem se tornando cada vez inviável, além de impopular. Atualmente, um quarto da superfície terrestre é usada para pastagem e um terço da terra arável global é destinada ao cultivo de grãos, muitas vezes transgênicos, que servem como alimento para gado e que são, em sua maioria, monoculturas que destroem a rica biodiversidade da região.

No Brasil a prática da criação de gado de maneira extensiva é resultado de uma forte expansão econômica ocorrida após o século XVI, na terceira década após o início do processo de colonização, quando a atividade pecuária começou a ser exercida no país. Além do crescimento nas exportações, o mercado interno se beneficiou com o abastecimento dos produtos nos núcleos urbanos, agora com menor custo e maior variedade.

O desenvolvimento pecuário brasileiro começou tendo grande destaque na região nordeste do país, pois havia uma abundância de paisagens naturais, depósitos de sal-gema, que complementa a alimentação dos animais, disponibilidade de água do rio São Francisco, mão-de-obra e custeio para composição e manutenção dos rebanhos de baixo custo, além de ser uma região que possui amplo mercado consumidor para couro e carne. Concentrando-se em áreas do interior do país, com forte presença e influência da atividade mineradora, e que formavam um mercado muito consumidor de carne, leite e couro, a criação de bovinos se expandiu para o que hoje são os estados do Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. No sul do Brasil, a pecuária começou a ser desenvolvida e, com a rápida multiplicação do gado em relação às outras regiões da colônia, a região tornou-se um destaque.

Apesar disso, somente a partir da década de 1960 houve um crescimento considerável da atividade pecuária no país. O Programa Nacional da Pecuária contribuiu para que alcançasse outras regiões do país, visando o abastecimento de carne e dispor de excedentes para exportação. Durante esse período, a região Centro-Oeste apresentou crescimento acima da média na produção, resultando na participação de muitos municípios, voltando quase que totalmente sua produção regional para a atividade, tendo em vista a geografia local favorável ao desenvolvimento. O setor de derivados também teve sua expansão a partir dos últimos anos do século XX, decorrido principalmente da ampliação das áreas de pastagens.

Dentre todas essas transformações ocorridas nos últimos anos no mercado mundial de carne e na indústria alimentícia, as exigências de melhora para os produtos são cada vez mais

rigorosas, estimulando assim inovações tecnológicas e cuidados fundamentais para a adequação. Ao contrário da indústria de aves e suínos, a indústria de bovinos no Brasil não acompanhou os avanços e modernização ocorridos, devido à maior integração dos demais setores com abatedouros, o que culminou na diminuição do consumo de carne vermelha, provocado também pelo aumento do consumo de suínos e aves. Nos anos 1990, a indústria começou a investir no controle sanitário mais rigoroso, visando principalmente a exportação da carne. Além disso, a articulação entre pecuaristas, frigoríficos e o consumidor final foi se tornando cada vez mais forte.

Foi entre os anos de 1990 e 2012 que a atividade pecuária apresentou 43,6% (TEIXEIRA, J.; HESPANHOL, A. 2014, p. 9) de incremento do efetivo animal, fazendo com que as exportações aumentassem. Apesar disso, no início dos anos 2000 o mercado interno continuava sendo o principal destino da carne bovina brasileira, o que mudaria nos anos seguintes. Foi nessa década que a pecuária avançou principalmente na região amazônica, após um maior deslocamento da bovinocultura para a região, enquanto as demais, antes focos da produção, passaram a ser ocupadas por atividades que proporcionam maior rentabilidade por área cultivada, transformando-se em grandes commodities de cana-de açúcar, soja e milho. Atualmente, o Brasil é considerado o grande “celeiro do mundo”, exportando para os mais diversos países e estabelecendo, principalmente com a China, valiosas relações comerciais no setor de alimentos, não somente através da exportação de carnes, mas também de grãos como milho, soja e outros produtos que servem para a viabilização da prática da pecuária em outras regiões.

No mercado internacional a pecuária de corte brasileira apresenta vantagem competitiva pelo baixo custo de produção, já que é baseada em pastagens. Atualmente, o Brasil conta com cerca de 160 milhões de hectares com pastagens que apresentam uma taxa de lotação média de 1,35 cabeças por hectare (SOARES, C.; ALMEIDA, R. 2019). Temos tecnologia para elevar essa taxa média a 1,5 cabeça por hectare e aumentar o desfrute, o que nos permitiria reduzir em 11% a área com pastagens e destinar mais de 17 milhões de hectares a outras atividades agrícolas (SOARES, C.; ALMEIDA, R. 2019). Isso acaba gerando uma grande vantagem competitiva para o Brasil em relação aos outros países produtores de alimentos no mundo, pois ainda há área para uso da agricultura sem necessidade de abertura de novas terras para produção.

Entretanto, é possível perceber que os resultados oriundos da prática da pecuária com monoculturas vegetais no Brasil, que devastam regiões e suas matas nativas, dizimando também os animais, têm sido desastrosos para o meio ambiente. Além disso, esta é uma alternativa mais viável para o movimento vegano, que representa cerca de apenas 8% (SILVA, E., et al., 2021,

p. 14) da população do Brasil, mas tem o potencial de ser adotada por toda a população brasileira. A escolha da comida é individual e coletiva, sendo permeada por relações de poder. O excesso de produção e consumo de carne e laticínios, no modo e volume que são produzidos hoje, não só tem um impacto significativo no meio ambiente, mas também na saúde humana e na economia.

## 1.2. Consequências da indústria de alimentos de origem animal para o meio ambiente

A indústria pecuária tem sido considerada insustentável. A produção de carne e de demais produtos de origem animal se mostra cada vez mais prejudicial, devido principalmente a fatores ambientais, ocasionando na diminuição drástica da disponibilidade de recursos naturais renováveis e não renováveis, poluindo, danificando ou consumindo tais recursos a um ritmo incompatível com sua capacidade de renovação, emitindo grande quantidade de gases de efeito estufa ao longo da cadeia de produção, enfraquecendo a terra com o sobrepastoreio, gerando erosões no solo, desencadeando o desmatamento e prejudicando as interações dos vários ciclos biogeoquímicos dos quais depende a vida no planeta, ocasionando uma queda significativa de biodiversidade.

Mais de 80% (BRUGGER, 2018, p. 9) do desflorestamento no Brasil, entre 1990 e 2005, foi causado pela conversão de terras em pastos. Com a destruição de habitats, a perda na biodiversidade se torna inevitável, resultando na diminuição das populações de vertebrados, que entre 1970 e 2012, diminuíram cerca de 58% (BRUGGER, 2018, p. 9). No caso dos mamíferos terrestres, é ainda mais grave, chegando a uma diminuição de cerca de 83% (BRUGGER, 2018, p. 9) desses animais na América Latina. Comparado aos humanos, as populações de espécies de animais, sejam eles explorados ou não pelo setor, seguem apresentando redução drástica em comparação com a fração populacional dos seres humanos. Além disso, alguns estudos sugerem que 18% (CÔRTEZ, 2019, p. 13) das emissões globais de gases de efeito estufa podem ser atribuídas à pecuária, que é uma porcentagem maior do que a do setor de transporte em sua totalidade. A agricultura também responde por 92% (BRUGGER, 2018, p. 10) do uso da água doce disponível para consumo no planeta, sendo que um terço diz respeito a produtos de origem animal.

O Brasil é responsável por 26% (BRUGGER, 2018, p. 9) da área plantada com transgênicos no mundo, sem contar o uso exacerbado e perigoso de defensivos agrícolas nos plantios. Somente nos últimos três anos, o país aprovou a liberação da maior quantidade de agrotóxicos em mais de vinte anos. Muitas dessas substâncias, no entanto, são classificadas

como extremamente tóxicas e prejudiciais à saúde e ao meio ambiente. Além disso, empresas da indústria pesticida e do veneno cada vez mais passam a ver o Brasil como despojo para produtos que não conseguem mais vender em outras partes do mundo pelo fato de terem sido proibidos e banidos, especialmente em países mais industrializados e de primeiro mundo, onde a preocupação e regulamentação com assuntos relacionados à alimentação e meio ambiente é bem mais presente. No Brasil, onde a viabilização para projetos voltados ao aumento da compra e utilização de herbicidas se fez constante nos últimos anos, o cenário é considerado alarmante por muitos especialistas em saúde e meio ambiente, visto que desde 2008 o país é o primeiro no ranking dos que mais utilizam agrotóxicos no mundo e as consequências negativas disso já se mostram presentes na qualidade de vida da população e no ecossistema brasileiro.

Isso resulta na baixa produtividade desse tipo de prática, que deixa de considerar a recuperação e renovação dos nutrientes presentes no solo, resultando na alta degradação das pastagens e biomas locais. Isso impacta na qualidade dos solos, afeta o balanço hídrico para o abastecimento da própria agricultura e das cidades com a chuva, além de afetar a capacidade das florestas de consumir dióxido de carbono, compensando os efeitos das queimadas e outras fontes de emissão de CO<sub>2</sub> para a atmosfera, levando a mudanças climáticas drásticas, além de resultar no desperdício de água, elevação dos níveis de gases tóxicos na atmosfera, desigualdade social, e soberania alimentar. A Organização das Nações Unidas (2019) destaca que uma mudança para uma dieta baseada em vegetais pode ajudar a combater a mudança climática e que a agricultura e a silvicultura comprovam que o uso da terra pelos seres humanos afeta diretamente mais de 70% da superfície terrestre global e livre de gelo, o que mostra a necessidade de articular uma ação concertada entre diversos setores da sociedade e profundas mudanças nas políticas agrícolas

### 1.3. Consequências da indústria de produtos de origem animal para os seres humanos

De acordo com a Organização Mundial da Saúde e o Fundo Mundial de Pesquisa do Câncer, condições de saúde como doenças cardiovasculares, obesidade, dislipidemia, hipertensão, câncer de mama, cólon e próstata e diabetes tipo 2 são mais prováveis de serem observadas em consumidores de carne e outros produtos de origem animal, do que em quem não consome. A dieta baseada na exploração, sofrimento e morte dos animais está afetando de forma muito adversa a saúde humana. Há muitos anos a OMS também adverte que o aumento da produção e consumo desses alimentos com uma dieta baseada na exploração, sofrimento e

morte dos animais está afetando de forma muito adversa a saúde humana, resultando também em graves impactos ambientais e ainda dificultando o acesso dos mais pobres à comida.

Uma dieta baseada em carne e laticínios é inerentemente mais rica em gordura e colesterol e mais baixa em ingredientes essenciais, como fitoquímicos, antioxidantes, fibras e nutrientes protetores como vitamina C, vitamina E, folato, provitamina A, cobre, potássio e magnésio (SAARI, U. A. et al., 2021, p. 1). Se mais pessoas em todo o mundo seguissem uma dieta baseada em vegetais, o impacto ambiental prejudicial da produção intensiva de recursos de alimentos derivados de animais e ruminantes, especialmente carne e laticínios, seria reduzido significativamente.

Relacionando esses fatores com direitos humanos, é importante salientar que estes sempre foram temas de discussões políticas, filosóficas e jurídicas relevantes. É reconhecido que desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que concebeu o conceito de direitos humanos na contemporaneidade, a humanidade já desenvolveu um longo e frutífero caminho no sentido de reconhecer universalmente alguns direitos a adotar medidas em prol de seu resguardo (SILVEIRA, V. O.; PEREIRA, T. M. L., 2018, p. 3).

Porém, assim como os desafios encontrados na análise dos movimentos vegano e ambientalista, o tema de direitos humanos também possui complexidade, limites e insuficiência. Entre uma das várias adversidades que podem ser encontradas na pauta de direitos humanos, há um perturbador contexto de extrema desigualdade social, no qual a riqueza se concentra nas mãos de poucos indivíduos e países, deixando milhões de pessoas em situações de vida precárias, sendo nítido perceber a presença de violações aos direitos humanos.

Paralelamente a esse perturbador contexto social e econômico, os desafios ambientais também continuam alarmantes, aumentando seus riscos e potencial destrutivo cada vez mais. Sendo assim, é essencial implementar medidas sustentáveis que viabilizem o alcance de melhores condições socioambientais, econômicas e sociais. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o desenvolvimento sustentável é aquele que “procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas próprias necessidades” (SILVEIRA, V.; PEREIRA, T., 2018, p. 11).

É nesse cenário que surgem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), que fazem parte do processo de evolução da significação e abrangência dos direitos humanos, no intuito de que estes passem a exprimir a realidade e os anseios do mundo atual (SILVEIRA, V.; PEREIRA, T., 2018, p. 6). Os Objetivo de Desenvolvimento Sustentável integram o documento intitulado “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, acordado entre 193 Estados-

membros da ONU, durante a Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável ocorrida em setembro de 2015, na sede da ONU em Nova Iorque.

O desenvolvimento sustentável começou a ser discutido no âmbito da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro em 1992 (Rio 92). Anos depois, ocorreu a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, em Johannesburgo em 2002 (Rio +10), e também, em 2010 sucedeu a Cúpula das Nações Unidas sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio em Nova Iorque. Ademais, em 2012 aconteceu no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio +20), na qual foram acertados novos objetivos e metas para suceder os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que consistem em 8 objetivos, 21 metas e 60 indicadores que integram a Declaração do Milênio (SILVEIRA, V.; PEREIRA, T., 2018, p. 12).

A Declaração do Milênio, aprovada na Cúpula do Milênio, ocorrida no ano de 2000 na sede da ONU em Nova Iorque, definiu os ODM como um compromisso real adotado pela sociedade internacional, esperando que houvesse uma efetiva transformação no cenário desafiador até 2015. Na época, as grandes preocupações que afligiam o bem-estar da conjuntura não eram tão diferentes das que continuamos tendo hoje em dia. Como apontado por Denise Schmitt Siqueira Garcia e Heloise Siqueira Garcia (2017), os temas de paz, segurança, desenvolvimento, erradicação da pobreza, proteção do ambiente comum, direitos humanos, proteção dos grupos vulneráveis, eram algumas das principais preocupações que motivaram a criação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

Entretanto, decorrido o prazo para cumprimento dos ODM em 2015, verificou-se que vários resultados positivos foram alcançados, atingindo algumas metas, dentre elas a diminuição dos níveis de pobreza (SILVEIRA, V.; PEREIRA, T., 2018, p. 13), que serviram de base e ponto de partida para a nova agenda de desenvolvimento sustentável, e que teria continuidade a partir da criação e entrada em vigência dos ODS em 01 de janeiro de 2016, cujo prazo final para cumprimento das metas é 31 de dezembro de 2030.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável abrangem maior amplitude dos temas abordados e na abrangência da aplicação, se comparados aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Isso porque os ODS tratam de um maior número de questões e com maior profundidade e possuem uma ação mais ampla, com perspectiva de alcance global. Constituídos por 17 objetivos e 169 metas, os ODS englobam três dimensões fundamentais para o desenvolvimento sustentável, quais sejam: ambiental, social e econômica, sendo que a

sustentabilidade reside exatamente no ponto de convergência dessas três dimensões (SILVEIRA, V.; PEREIRA, T. 2018, p. 14).

## **2. A EXPANSÃO DO VEGANISMO**

### **2.1. O surgimento do veganismo**

O veganismo é um modo de vida que fundamenta-se ideologicamente no respeito aos direitos dos animais. Segundo a Associação Brasileira de Vegetarianismo (SBV), a categoria “*vegan*” foi criada em Yorkshire, na Inglaterra, em 1944, por Donald Watson e firmou-se como movimento a partir da definição do termo “veganismo”, em 1949, por Leslie J Cross, que sugeriu “o princípio da emancipação dos animais da exploração pelo homem”. É uma filosofia e modo de vida que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e crueldade animais para alimentação, roupas, testes em laboratório ou qualquer outro propósito, podendo ser praticado por qualquer pessoa, de quaisquer credos, crenças políticas, etnias, gêneros ou orientação sexual.

Para o médico veterinário Wilson Grassi, ser vegano, além de construir uma postura com fundamento filosófico, relacionando-se com a ética e o respeito para com os direitos dos animais. Trata-se de uma consciência e apreço pelo fato de estar se falando de seres dotados de sensibilidade, logo, passíveis de sentir dor. Portanto, veganos excluem animais e seus derivados não apenas da sua dieta, mas também de outros aspectos de suas vidas, sob o preceito de viver bem, sem explorar esses seres.

Há também o debate sobre questões filosóficas relacionadas à ética e à moral, que se baseia a partir da narrativa de que os animais são seres sencientes, ou seja, conscientes e sensíveis e devem ter respeitado seu direito à vida, à integridade, à liberdade e principalmente o direito de não ser um item de propriedade sob qualquer tipo de exploração humana, especialmente quando esta etapa é feita com violência. E o debate sobre o especismo, entendido como doutrina semelhante ao racismo, que prega que a superioridade de uma espécie lhe dá direito de oprimir outras espécies.

Em uma sociedade onde os animais são mortos, negados ar fresco e sol, mutilados sem analgésicos e forçadamente separados de suas famílias e amigos para o usufruto do ser humano, deixar de apoiar as indústrias que utilizam de abuso e abate desses seres para obter lucro se mostra essencial, não somente por isso, mas também considerando todos os outros efeitos



negativos causados à biodiversidade na Terra, como desmatamento de florestas e matas naturais, alta emissão de gases tóxicos na atmosfera, devastação dos oceanos com a pesca predatória, poluição, desperdício da limitada água para consumo, dentre diversos outros motivos que se mostram cada vez mais pertinentes para alguém que esteja insatisfeito com o rumo da vida no planeta como conhecemos hoje.

Os animais, sejam os utilizados para testes, alimentação e vestimenta, sejam os que estão no caminho das novas fronteiras agrícolas, têm seu grande massacre provocado pela indústria, e a crítica vegana só fará sentido se, não somente, atacar as práticas atuais da indústria como um todo, ou ainda o próprio modo de produção industrial, de grande escala (DUARTE, 2020, P. 104), que já se mostra obsoleto e danoso, mas também, como mostrado por articulação de boa parte do movimento, é importante incentivar os pequenos e locais produtores e consumir seus produtos, como medidas que contribuem ainda mais com a preservação da biodiversidade, bem como para frear os desastres ambientais causados pela indústria nos moldes atuais, do que consumir produtos certificadamente veganos, ainda que estes sejam de relevância para a ampliação da demanda e investimento no mercado vegano.

## 2.2. A expansão do veganismo em nível mundial

O mercado vegano vem se mostrando cada vez mais lucrativo e incentivando empresas do ramo de alimentos, mesmo as maiores empresas de carne do mundo, a inovarem rapidamente seus produtos no mercado à base de plantas, que tem se solidificado fortemente nos últimos anos. Produtos como carnes, ovos e laticínios à base de plantas têm se tornado mais populares e progressivamente mais competitivos com produtos de origem animal. O investimento em tecnologia para o desenvolvimento de produtos à base de plantas, que sejam equivalentes e equiparáveis aos de origem animal, aumentou e contribuiu para fomentar um mercado que já vinha se mostrando interessante do ponto de vista comercial, mas que ainda apresenta potencial de se expandir em competitividade, sabor, preço e acessibilidade.

Segundo a Good Food Institute, nos Estados Unidos, os produtos à base de planta ou “*plant based*” são um dos principais impulsionadores do crescimento das vendas dos varejistas de supermercados em todo o país, contribuindo com um aumento de 27% no ano de 2020, alcançando US\$ 7 bilhões, o que representa um crescimento duas vezes mais rápido que o das vendas gerais de alimentos. Ainda segundo o Instituto, cerca de 98% das pessoas que compram

carne à base de vegetais também compram carne convencional, de origem animal, aumentando mais de US \$430 milhões em vendas nos Estados Unidos de 2019 a 2020.

Ainda há controvérsias na sociedade contemporânea a respeito da carne artificial e de produtos de origem vegetal. discussão fomentada pela influência e poder, além do aspecto sociocultural construtivista que envolve o consumo e benefício da indústria de produtos de origem animal. No entanto, produtos veganos são tão reais e válidos como a carne cortada da carcaça de um animal morto, cuja principal diferença se encontra em eliminar a necessidade de matar animais, devastar biomas, poluir mares, rios e oceanos e abater florestas para dar lugar a terras de monocultivos e pastos para a alimentação e criação dos animais.

Mesmo com essas relutâncias, é perceptível que o movimento vegano ganha cada vez mais adesão e popularidade na sociedade contemporânea. Além disso, num futuro não muito distante, é previsto que comer carne de origem industrializada todos os dias pode não apenas se tornar mais prejudicial, como também será impossível de sustentar. Segundo as previsões, um futuro cuja alimentação humana seja baseada em vegetais e no investimento nas indústrias de carnes vegetais e artificiais, ovos e laticínios vegetais. Bruce Friedrich, do Good Food Institute, sugere que matadouros e fazendas industriais serão obsoletos, comparando essas instalações, que parecem inevitáveis hoje, à carruagem puxada por cavalos que nominou as ruas da cidade até o início do século XX.

Considerando a abordagem anterior, é justo indicar que o veganismo não só protege os direitos dos animais, mas também oferece uma solução para alguns dos problemas sistemáticos do sistema alimentar global. É um movimento cuja adesão, engajamento, conscientização, e esforço nas causas promove uma mudança no comportamento de consumo alimentar dos consumidores de carne, consideradas necessárias para permitir um sistema de produção e fornecimento de alimentos mais sustentável e não destruidor do meio ambiente e da saúde humana.

### 2.3. A expansão do veganismo no Brasil

O processo de difusão do vegetarianismo e veganismo no Brasil se deu concomitantemente à fundação de uma unidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no ano de 1896, e, além disso, se deu com a vinda dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil, quando, também pelo viés religioso, a ideologia vegetariana chega ao país por meio do Budismo (BEIG, 2009. apud. CAVALHEIRO, C. et al, 2018, p. 10). Na década de 1980 a propagação do conhecimento acerca da diminuição do consumo de carne e outros produtos de origem animal,

se deu por meio das cenas *punk* e *straight edge*, que lutavam contra a dinâmica social capitalista. Outro fator que contribuiu para a difusão das ideias e expansão comercial desses estilos, que geralmente abordavam em seu repertório musical um discurso propagador, bem como defensor, dos valores do vegetarianismo e do veganismo (CAVALHEIRO, 2018, p. 10),.

Com o passar dos anos, houve um maior surgimento de empresas e de produtos voltados para esse público, considerado um nicho de mercado de crescimento acelerado, mas que, no entanto, possui um aproveitamento ainda inexpressivo se comparado ao mercado de consumidores convencional. No ano de 2003 foi fundada a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), localizada no Rio de Janeiro, o que representou outro marco expressivo para a difusão do movimento no país. Após sua criação, a organização implementou campanhas, programas, convênios, eventos, pesquisa e ativismo, a fim de que se difundisse uma conscientização a respeito dos benefícios do vegetarianismo e trabalhassem para aumentar o acesso da população a produtos e serviços veganos (SBV, 2017).

A exemplo disso, é possível citar a campanha Segunda Sem Carne, lançada inicialmente em São Paulo, em outubro de 2009, em parceria com a Secretaria do Verde e Meio Ambiente (SVMA), promovida e majoritariamente organizada pela SBV, que anos depois se estabeleceria em outras regiões e cidades do país adquirindo uma considerável adesão. A campanha propõe não comer carne às segundas-feiras, buscando proporcionar uma conscientização popular a respeito dos impactos que o uso e consumo de produtos de origem animal têm sobre toda a sociedade, seja em escala humana, como também em escala dos demais seres vivos e meio ambiente (CAVALHEIRO, C. A. et al, 2018, p.10).

### **3. VEGANISMO E SUSTENTABILIDADE**

O relatório *Nosso Futuro Comum*, da Comissão Mundial sobre o Desenvolvimento Econômico das Nações Unidas, ocorrido em 1987, definiu o desenvolvimento sustentável como sendo a atividade que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade e chance de futuras gerações atenderem suas próprias necessidades (COMPARATO, 2010, p. 26).

Podemos observar um crescimento também no interesse da indústria e de empresas, sejam de alimentos, cosméticos, ou vestuário, como também diversas outras inseridas nas Cadeias Globais de Valor, pelo fato de, nos últimos anos, têm investido exponencialmente no ramo de produtos à base de vegetais e produtos veganos. Essas empresas realizam jornadas de inovação sustentável em torno de alimentos à base de plantas, o que proporciona a constituição

de um regime sociotécnico de produção e consumo sustentáveis de alimentos e dos demais setores da economia mundial (SAARI, U. A. et al, 2020).

O veganismo é um fenômeno social contemporâneo em expansão, e cresce de forma relevante nos países desenvolvidos ocidentais, o que se demonstra através do número cada vez maior de veganos e pessoas que seguem dietas à base de plantas (STATISTA, 2018; STRECKER, 2015. apud. SAARI, U. A. et al, 2020). Esse crescente interesse pelo veganismo e o empenho em seguir uma dieta e, no caso de veganos, um estilo de vida, não apenas impacta o comportamento de consumo sustentável, mas também está influenciando e atraindo interesse da indústria de alimentos tradicional. Concomitante ao crescimento na demanda por esses produtos, as empresas se veem com a necessidade de estarem preparadas para lançar novos produtos rapidamente, em resposta às mudanças nas demandas dos consumidores (TRAILL; MEULENBERG, 2002. apud. SAARI, U. A. et al, 2020), além de terem de se adequar às mudanças de mercado no que tange a produção limpa e sustentável.

Esse mercado de alimentos é um setor com grande capacidade de inovação, e à medida em que novos produtos são lançados, os consumidores identificam tratarem-se de frutos de uma inovação que gera dinamismo no mercado, produzindo cenários oportunos para empresas desenvolverem novos produtos ou melhorarem os tradicionais, visando atender necessidades específicas do consumidor e criar novos nichos no mercado, diferindo-as como empresas que buscam criar e se inovar tecnologicamente ou manter uma vantagem competitiva (DEMATTE, 2021).

É possível afirmar que essas transformações geradoras de novas tendências de mercado são criadas a partir de uma gama de indicadores macro ambientais, os quais são influenciados por aspectos socioeconômicos, políticos e culturais, que interferem na escolha dos consumidores por produtos específicos (DEMATTE, 2021). A inovação em prol desse consumidor se dá por meio da correlação entre tendências de mercado e a competitividade deste. O indivíduo consumidor é o foco principal no que tange a elaboração de um novo produto, portanto com o aumento de pessoas veganas e vegetarianas, muitas empresas passaram a trazer para o mercado mais opções direcionadas a esse público, e padronizar seus produtos através de certificações do mercado vegano, procurando através disso aumentar a notabilidade, o interesse e a venda de determinado produto.

O veganismo não apenas protege os direitos dos animais, mas também oferece uma solução para alguns dos problemas sistêmicos do sistema alimentar global, sublinhados pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (ONU), especialmente o

ODS #12, que promove a sustentabilidade consumo e produção, e o ODS #2, que visa acabar com a fome global (SAARI, U. A. et al, 2021, p. 2).

Segundo o relatório da ONU, Perspectivas Mundiais de População 2019: Destaques, publicado pela Divisão de População do Departamento da ONU de Assuntos Econômicos e Sociais, que oferece um abrangente panorama global de padrões e perspectivas demográficas, prevê-se que a população global atingirá um número próximo a 10 bilhões de pessoas até 2050.

A atual indústria de alimentos, possuidora de uma espantosa e expressiva característica exploracionista, há algum tempo já apresenta altos índices relativos à sua capacidade de alimentar todas as pessoas do mundo, segundo relatório “O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo”, de 2021, da ONU. Ainda sim, é uma indústria que se torna cada vez mais obsoleta e destrutiva, tendo em vista os problemas causados pelo alto excedente de produção e pela má distribuição de alimento entre os países, o que fomenta uma desigualdade nem um pouco tolerável para o avanço dos padrões de sustentabilidade social, além de contribuir para o preocupante aumento nos índices de insegurança alimentar, que, mesmo após importantes e significativas transformações e avanços no âmbito do desenvolvimento social, ainda apresentam-se como uma ameaça e ceifam milhões de vidas todos os anos.

Esse mesmo relatório da ONU aponta, ainda, que hoje o mundo produz alimento suficiente para alimentar toda a população humana e que, ainda sim, um décimo da população global estava desnutrida em 2020, concebendo cerca de 811 milhões de pessoas. Dados alarmantes como esse endossam um cenário internacional preocupante, no qual também podem ser encontrados resultados como os das condições de vida precárias de milhões de animais, exploração dos trabalhadores, de comunidades marginalizadas e dos recursos naturais, conduzindo à devastação ambiental e à retardação no que tange o avanço das pautas de sustentabilidade.

Como já previamente citado, é possível destacar que os consumidores passaram a exigir alimentos que sejam produzidos de forma mais ética e sustentável, fazendo com que a indústria se adapte a esse novo posicionamento cada dia mais criterioso e consciente do consumidor, que vem evoluindo suas necessidades e abraçando causas sociais capazes de gerar uma alteração na dinâmica do mercado de produtos alimentícios, de uso pessoal e de limpeza.

A grande questão a ser ressaltada é a de se realmente conseguiremos construir um sistema alimentar sustentável, capaz de mudar o futuro da produção e do consumo de alimentos em escala mundial. Para que possamos ver avanços nessas pautas, é preciso que os Estados e a indústria se comprometam e adotem o cumprimento de políticas de preservação ambiental com suas metas e compromissos sendo cumpridos.

Aspirando atingir metas como estas que, em 2019, foi lançado o Pacto Verde Europeu, ambicionando tornar a Europa o primeiro continente climaticamente neutro até 2050. O documento baseia-se em sete pilares principais com uma estratégia de implementação cada, são eles: energia limpa, indústria sustentável *com ênfase na economia circular*, reconstrução e reforma de edifícios, mobilidade sustentável, biodiversidade, “Do Campo à Mesa” e eliminação da contaminação.

O Pacto apresenta metas para reduzir o uso de pesticidas e antibióticos, impulsionar a agricultura sustentável, promover o consumo de proteínas de origem vegetal e fazer com que cada um dos elos da cadeia seja mais sustentável. Com o objetivo de promover “Alianças Verdes” por meio de cooperação técnica e de sua política comercial para estimular uma transição global, o que gera implicações importantes para o agronegócio latino-americano, em especial no Brasil (LARREA, 2021).

O Brasil apresenta grandes possibilidades de ampliar suas políticas de preservação ambiental e de se transformar em um país fomentador da sustentabilidade. Tendo em vista sua posição de país com a maior biodiversidade do mundo, grande extensão territorial, constituída por diversos biomas, matas e florestas e diferentes zonas climáticas que favorecem a formação de zonas biogeográficas como a Floresta Amazônica, o país apresenta bons índices para adotar, de forma mais diversa e eficaz, uma mais proveitosa administração de seus recursos, não apenas pelos serviços ecossistêmicos providos, mas também pelas oportunidades que representam para conservação e uso sustentável.

A Amazônia é a maior floresta tropical do mundo e considerada uma região cada vez mais estratégica, tanto para os países amazônicos e demais países latino-americanos, quanto para todos os outros países do globo, que, inclusive, vêm adotando posturas mais incisivas no que se refere à importância da floresta e sua preservação. Por sua imensidão territorial, abrangendo 7 outros países além do Brasil, e também por sua vasta biodiversidade e riquezas naturais, além de comportar uma das maiores bacias hidrográficas do mundo, é cada vez mais enfatizada a necessidade de que os países participantes dessa realidade, que comportam a floresta em seus territórios nacionais, percebam e tratem a Amazônia com a devida importância, desenvolvendo políticas comuns para proporcionar um desenvolvimento sustentável para a região (AMAYO Z., 1999. apud. MOREIRA H., 2009, p. 6).

Porém, sua história e problemáticas ultrapassam as fronteiras nacionais, e o desmatamento desenfreado recorrente nos últimos anos objetivando uma expansão da pecuária extensiva, das monoculturas de grãos, principalmente com a expansão da soja, além de contribuir com a atividade madeireira ilegal (MOREIRA H., 2009), prejudicam a conservação

da biodiversidade e do ecossistema da região, e contribuem não só para a deterioração da Floresta Amazônica, mas também para o desgaste da reputação e prestígio dos países amazônicos, especialmente o Brasil, que, apesar de ser o segundo país mais rico em cobertura florestal remanescente do mundo, também é um dos que mais desmata as suas florestas.

É preciso que o Brasil reconheça novamente a importância da preservação da Floresta Amazônica e conduza de uma melhor forma o orçamento público e as resoluções de negociações destinadas às políticas de preservação ambiental. É indispensável para o país conservar a permanência da sua fundamental posição de *player* internacional nas negociações e discussões sobre assuntos ambientais, para que, de certo modo, exerça efetivamente sua capacidade de contribuir para o fortalecimento e cumprimento de políticas públicas, atualmente imprescindíveis para reverter o retrocesso ambiental amplificado nos últimos anos.

O ser humano faz parte da natureza e, compreendendo que tudo está interligado, é possível considerar que uma redução no consumo de carne e produtos de origem animal, e uma mudança no comportamento de consumo alimentar dos carnistas, são necessários para permitir um sistema de produção e fornecimento de alimentos mais sustentável e ecologicamente correto (HARTMANN; SIEGRIST, 2017. apud. SAARI, U. A. et al., 2021, p. 2). Para alcançar isso, ampliar a efetividade das negociações e políticas destinadas ao benefício do meio ambiente, se mostra progressivamente indispensável para que os países, em especial o Brasil, exerçam uma posição mais proativa, atuando como intermediários e facilitadores da implementação de medidas que preservem e recuperem o meio ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo as transformações recorrentes no cenário internacional global e a maneira como a natureza colapsa progressivamente em decorrência da ação humana, é possível perceber um estímulo à conscientização, à transformação e a um sentimento de tornar o mundo um lugar melhor para todos os seres que nele vivem. Foi através dos métodos contemporâneos de produção de alimentos, organizados de modo expansionista e cada vez mais nocivo para a vida no planeta, que, ao longo da história, foi gerado um imenso lucro para as empresas produtoras de alimentos à base de carnes e para a indústria de produtos de origem animal como um todo.

Apesar disso, é possível considerar que o futuro da alimentação mundial poderá ser socioambientalmente mais sustentável e que, com a crescente popularidade e expansão do movimento vegano e o que ele representa, no sentido de promover um estilo de vida mais saudável, sustentável e preocupado com as questões ambientais e de bem-estar, são capazes de contribuir positivamente para a preservação da vida e do meio ambiente.

A abordagem feita a respeito das consequências da indústria de produtos de origem animal para o meio ambiente e para a saúde dos seres humanos, considera que os acontecimentos negativos gerados, como desmatamento, poluição, exploração de animais, esgotamento de recursos, extinção de espécies, surgimento de doenças cardiovasculares, câncer e insegurança alimentar, atualmente, já constituem uma realidade cruel, mas que contribuem para constituir uma ainda mais angustiante se nenhuma medida for tomada de forma coletiva e efetivamente funcional.

Para além de enfatizar as questões éticas que envolvem o atual modo de produção de alimentos e produtos de origem animal, é possível afirmar que, ao compreenderem-se em um espectro de cenário global, cujas consequências negativas geradas já são consideradas praticamente irreversíveis, é possível salientar e considerar a importância sobre a forma como o movimento vegano se expandiu mundialmente como uma alternativa viável para reverter ou pelo menos amenizar esse cenário, e com isso, espera-se alcançar um futuro cujo sistema alimentar mundial seja socioambientalmente mais sustentável e possa desempenhar sua capacidade de atender a todos que hoje são afetados pelas consequências desastrosas já geradas e que assolam o planeta de forma assustadora e acelerada.



## REFERÊNCIAS:

- BRIDGEMAN, Laura. **Future of Food: How It's Changing and Why That's Important**. Sentient Media, 2020. Disponível em: <https://sentientmedia.org/future-of-food/>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- BRUGGER, P. **O apocalipse da pecuária: uma síntese caleidoscópica dos riscos e possibilidades de mudança**. Revista Brasileira De Direito Animal, 13(2), 2018.
- CAMPBELL, Charlie; ROACHE, Madeline. **The Vegan Dynasty**. TIME Magazine, 2021. Vol. 197 Edição ¾, p. 84-89.
- CARVALHO, Miguel Mundstock. **Vegetarianismo e veganismo: a expansão rápida de uma nova filosofia alimentar no Brasil**. Revista de Alimentação e Cultura das Américas, 2020.
- CAVALHEIRO, C. A. & VERDU, F. C, & AMARANTE, J. M. **Difusão do Vegetarianismo e Veganismo no Brasil a Partir de uma Perspectiva de Transnacionalização**. Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo - RECAT, 2018.
- COMPARATO. F. K. **A afirmação histórica dos direitos humanos**, 2019.
- CORTÊS, João de Magalhães. **Um estudo sobre o futuro da pecuária brasileira e a transição para o baixo carbono**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.
- COWSPIRACY: THE SUSTAINABILITY SECRET. Kip Andersen e Keegan Kuhn. **A.U.M. Films & Media**, 2014.
- DEMATTE, Nicole. **Mercado de alimentos: inovação em prol do consumidor**. Boletim MarkEsalq, 2021.
- DIAS, Daniela; GUARESCHI, Pedrinho; HENNIGEN, Inês. **Modos de consumir como expressões de modos de viver**. Fractal: Revista de Psicologia, 2019.
- DREHER, Sarah. **Veganism**. Newsweek Global, 2020.
- DUARTE, F. R. **Veganismos.br: um estudo etnográfico do ciberativismo vegano no Brasil**. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- ESTEVES, Luiz Otávio Bastos. **Eles Querem nos Converter!?: representações sociais do veganismo como minoria ativa no Brasil**. Editora Dialética, 2021
- GOOD FOOD INSTITUTE. **U.S. retail market data for the plant-based industry**. 2021. Disponível em: <https://gfi.org/marketresearch/> Acesso em: 18 abr. 2022.
- HUSSAIN, Grace. Can Sustainable Agriculture Fix the Broken Food System?. **Sentient Media**, 2021. Disponível em: <https://sentientmedia.org/sustainable-agriculture/>. Acesso em: 14 set. 2022.
- JUDGE, Madeline; WILSON, Marc S. **Vegetarian Utopias: Visions of dietary patterns in future societies and support for social change**. ScienceDirect, 2015.
- KALTE, Deborah. **Political Veganism: Na Empirical Analysis of Vegans' Motives, Aims, and Political Engagement**. Political Studies, 2021. Vol. 69 Edição 4, p 814-833.

- KUROSKI, Fernanda. **O Caminho Ético do Veganismo para o Alcance da Sustentabilidade**. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 2021.
- LARREA, Nelson. **O Pacto Verde Europeu: quais são as implicações para as agroexportações latino-americanas?**. Banco de Desenvolvimento da América Latina, 2021.
- MAGALHÃES, M. P., & OLIVEIRA, J. C. **Veganismo: aspectos históricos**. Revista Scientiarum História, 2019.
- MONTEIRO, Lorena L., GARCIA, Loreley G. **Veganismo, feminismo e movimentos sociais no Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2017.
- NEWBY, P.K. **So long, veganuary**. New Scientist - EBSCO, 2019.
- ONU. **Climate Change and Land. Intergovernmental Panel on Climate Change - IPCC**, 2019.
- ONU. **Sistemas Alimentares são a chave para acabar com a fome no mundo**. O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo, 2021.
- ONU. **População mundial deve chegar a 9,7 bilhões de pessoas em 2050**. Perspectivas Mundiais de População 2019: Destaques. Divisão de População do Departamento da ONU de Assuntos Econômicos e Sociais, 2019.
- PENIDO, Cauã William; CARDOSO Joseanne Domingos; GONÇALVES, Catarina Araújo. **Vegetarianismo e meio ambiente: Impactos ambientais da pecuária e a dieta vegetariana como solução**. Universidade, EaD e Software Livre, 2020.
- PIAZZA, Jared. **A vegan future?**. Psychologist, 2021.
- RUBY, Matthew, KHRA, Tani. **Vegan: widening the circle**. Psychologist - EBSCO, 2021.
- SAARI, Ulla A. et al. **The vegan trend and the microfoundations of institutional change: A commentary on food producers' sustainable innovation journeys in Europe**. ScienceDirect, 2021.
- SCHINAIDER, Daniela, et al. **Qual a influência do veganismo no setor agroalimentar**. Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, Maringá (PR), 2020.
- SILVA, Emylle Vitória Paes da; et al. **A distância entre o consumidor comum e a informação acerca do estilo de vida vegano**. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio) - Etec Professor Jadyr Salles, Porto Ferreira, 2021.
- SILVEIRA, Vladimir Oliveira de; PEREIRA, Tais Mariana Lima. **Uma nova compreensão dos direitos humanos na contemporaneidade a partir dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)**. Revista Jurídica Cesumar, 2018.
- SOARES, Cléber de Oliveira; ALMBEIDA, Roberto Giolo. **Descarbonização da Pecuária**. Disponível em:  
<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1118355/1/Descarbonizacaodapecuaria.pdf>  
f. Acesso em: 18 ago. 2022
- TAIT, Amelia. **How the new veganism went global**. New Statesman, 2019.
- TEIXEIRA, Jodenir; HESPANHOL, Antonio. **A trajetória da pecuária bovina brasileira**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 36, v. 1, p.26-38, 2014.

TERRÁQUEOS. Shaun Monson. **Nation Earth**, 2005.

THE VEGAN SOCIETY, **Definition of veganism**. 2021.

UDODHIYA, Mohsina. 1 billion children at ‘extremely high’ risk due to climate change, UNICEF report warns. **Totally Vegan Buzz**, 26 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.totallyveganbuzz.com/news/children-climate-change-unicef-report/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

VENTURA, Alichelly, et al. **Ciclo de debates sobre direitos humanos e meio ambiente**. Lepadia, 2020.

WHAT THE HEALTH, Kip Andersen e Keegan Kuhn. **A.U.M. Films & Media**, 2017.

XAVIER, Glaydson; SILVA, Elias. **Consumo de alimentos advindos da pecuária: quais os impactos?**. I Congresso Internacional de Meio Ambiente e Sociedade e III Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, 2019.